



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

Rafaela Fontes Soares

**FORMAÇÃO DE NEOLOGISMO LITERÁRIO EM AUTORES LUSÓFONOS: UMA
ANÁLISE NA PERSPECTIVA NÃO-LEXICALISTA DE GRAMÁTICA GERATIVA.**

**Rio de Janeiro
2023**

RAFAELA FONTES SOARES

FORMAÇÃO DE NEOLOGISMO LITERÁRIO EM AUTORES LUSÓFONOS: UMA
ANÁLISE NA PERSPECTIVA NÃO-LEXICALISTA DE GRAMÁTICA GERATIVA.

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciado em Letras na habilitação
Português/Literaturas.

Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª. Isabella Lopes Pederneira

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na Publicação

S676f Soares, Rafaela Fontes
FORMAÇÃO DE NEOLOGISMO LITERÁRIO EM AUTORES
LUSÓFONOS: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA NÃO
LEXICALISTA DE GRAMÁTICA GERATIVA. / Rafaela Fontes
Soares. -- Rio de Janeiro, 2023.
43 f.

Orientadora: Isabella Lopes Pederneira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2023.

1. Neologismo literário. 2. Morfologia
Distribuída. 3. Gramática Gerativa. 4. Formações
neológicas. I. Pederneira, Isabella Lopes, orient.
II. Título.

Agradecimentos

Depois de uma pandemia, eu não imaginei que chegaria nesta etapa da minha vida. Em um primeiro momento, queria agradecer a Deus e à minha avó, por mais que exista separação de humanos e seres divinos, eu não poderia, de maneira nenhuma, separar minha avó desse momento, dado que, se não fosse por ela, eu não estaria escrevendo esta monografia.

Segundamente, queria agradecer ao meu psicólogo Adonias de Oliveira, por me ajudar a perceber que meus sentimentos são válidos e que viver vale muito a pena. Aqui também coloco a minha mãe, sou muito grata por todo investimento no campo da educação que ela me proporcionou, mas também por acreditar em mim e me apoiado nas minhas escolhas.

A todos os meus amigos, especialmente Carlos, Thays e Luiz, que ouviram todas as minhas reclamações e angústias durante este período um pouco turbulento da vida e permaneceram ao meu lado.

E por último, mas não menos importante, agradeço à minha orientadora Isabella Lopes Pederneira, que me acompanha desde o meu primeiro período. Obrigada pelo suporte, pelos seus conselhos e por tudo que confiou a mim. Também sou grata pelas broncas, porque foram necessárias para abrir os olhos em muitas situações.

Resumo

Nesta monografia, serão apresentados os mecanismos de formação de palavras novas em autores de literatura de língua portuguesa, com o propósito de esclarecer que os mesmos mecanismos utilizados na derivação de palavras regulares em língua portuguesa estão presentes nos neologismos literários. Serão apresentados neologismos presentes nas obras de Guimarães Rosa, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Mia Couto e Ondjaki e ainda mostraremos os mecanismos sintáticos existentes na criação de palavras, como *brisear* (ROSA, 1956); *respeitabundos* (ANDRADE, 2016); *debralhar* (ANDRADE, 1927); *todaviar* (COUTO, 2004); *averdade* (ONDJAKI, 2011) e *desdigue* (SALÚSTIO, 2002). Além de comparar as construções de cada autor, também serão expostas comparações de palavras complexas que não são consideradas neológicas, para que as operações sintáticas fiquem claras para a formação de palavras derivadas. O trabalho parte de uma abordagem não-lexicalista de gramática gerativa - a Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997), analisando os casos dos neologismos literários em português brasileiro, português angolano, moçambicano e cabo-verdiano. Essa vertente permite a valorização de operações sintáticas importantes para a construção de palavras, que são as mesmas que encontramos na formação de sentenças. A razão disso é que o esqueleto sintático é o ponto de partida para leituras fonológicas e semânticas e, portanto, aprender a vê-lo pode auxiliar a capacidade de dominar os mecanismos metalinguísticos de uma dada língua. Veremos que os resultados confirmam que o significado de palavras complexas é obtido por meio de dois mecanismos: (i) uma convenção negociada sobre a concatenação de raiz + peça vocabular categorizadora: arbitrariedade do signo; (ii) após a fixação da leitura convencional, novos categorizadores podem ser juntados. Eles acrescentam instruções para cálculos semânticos que alteram de maneira regular e composicional o significado da palavra básica. Além desses dois mecanismos, serão destacadas também as formações de palavras idiomáticas, do qual o resultado semântico não é resultado da negociação regular das partes que as compõem. Portanto, os autores literários seguem exatamente este padrão da língua, porém, realizando mudanças nos usos das raízes e combinações de raízes e categorizadores.

Palavras-chave: Morfologia Distribuída; Formações neológicas; neologismo literário.

Abstract

In this monograph, we will present the mechanisms of novel word formation in Portuguese-language literary authors, with the aim of clarifying that the same mechanisms used in the derivation of regular words in the Portuguese language are present in literary neologisms. We will present neologisms found in the works of Guimarães Rosa, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Mia Couto and Ondjaki and we will also show the syntactic mechanisms that exist in the creation of words such as *brisear* (ROSA, 1956); *respeitabundos* (ANDRADE, 2016); *debrilhar* (ANDRADE, 1927); *todaviar* (COUTO, 2004); *averdade* (ONDJAKI, 2011) and *desdigue* (SALÚSTIO, 2002). In addition to comparing the constructions of each author, comparisons will also be made of complex words that are not considered neological, so that the syntactic operations are clear for the formation of derived words. The work is based on a non-lexicalist approach to generative grammar - Distributed Morphology (MARANTZ, 1997), analyzing the cases of neologisms in Brazilian Portuguese, angolan portuguese, mozambican portuguese and cape verdean portuguese. This approach allows us to value the syntactic operations that are important for the construction of words, which are the same as those found in the formation of sentences. The reason for this is that the syntactic skeleton is the starting point for phonological and semantic readings and, therefore, learning to see it can help the ability to master the metalinguistic mechanisms of a given language. We will see that the results confirm that the meaning of complex words is obtained by means of two mechanisms: (i) a negotiated convention on the merge of root + categorizing vocabulary piece: arbitrariness of the sign; (ii) after fixing the agreed reading, new categorizers can be added. They add instructions for semantic calculations that regularly and compositionally alter the meaning of the basic word. In addition to these two mechanisms, idiomatic word formations will also be highlighted, where the semantic outcome is not the result of regular negotiation of the parts that make them up. Therefore, literary authors follow exactly this pattern, but make changes to the use of roots and combinations of roots and categorizers.

Key-words: Distributed Morphology; Neological formations; literary neologism.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
1. Fundamentação teórica.....	10
1.1. A formação de palavras na Morfologia Distribuída.....	13
2. Leitura composicional e idiomática.....	14
3. Neologismos.....	15
3.1. Neologismos semânticos e formais.....	16
3.2. Os neologismos lexicais.....	16
3.3. O processo da criação literária.....	17
3.4 O neologismo na visão da Morfologia Distribuída.....	17
4. Análise de dados.....	18
4.1 Neologismos em Guimarães Rosa.....	18
4.2 Neologismos em Oswald de Andrade.....	23
4.3. Neologismos em Mário de Andrade.....	26
4.4 Neologismos em Mia Couto.....	30
4.5 Neologismos em Ondjaki.....	34
4.6 Neologismos em Dina Salústio.....	38
Considerações Finais.....	41
Referências bibliográficas.....	42

Introdução

Não é de hoje que se discute sobre a forma inovadora como os escritores tratam as palavras e como “brincam” nos processos de suas criações novas formando, assim, os chamados neologismos. Os autores, ao buscarem outras maneiras de se expressar, acabam exaurindo as formas que a língua fornece para a formação de palavras.

Segundo Câmara Jr (2004), a língua literária tem suas particularidades e está “a serviço da criação estética, utilizando recursos e convenções próprias de objetivo artístico”. Em razão disso, Campos (2012) diz que “o texto literário apresenta-se, pois, como corpus ideal para que se vivencie a língua materna em todas as suas possibilidades, estabelecendo uma relação de empatia que redunde em conhecimento, ludicidade e prazer.”

Contudo, ao analisar a estrutura interna dos neologismos, é possível perceber que dentro destes vocábulos, nada de inovador é formado ou criado, visto que a construção é regida por regras já consolidadas na língua. Neste sentido, os neologismos de autores que escrevem no português brasileiro e africano, como Mário de Andrade e Ondjaki, serão apresentados nesta monografia.

Além disso, será feita a análise da estrutura interna dos neologismos, a fim de comparar com as palavras já existentes na língua. Portanto, a hipótese desta monografia é confirmar que as criações das palavras novas ocorrem de acordo com as regras da gramática do português, com o intuito de mostrar que não há nada de místico ou inovador nesses processos. O objetivo geral é analisar à luz da Morfologia Distribuída os mecanismos possíveis na formação de palavras nas línguas naturais e os objetivos específicos são (i) identificar os limites para as formações de palavras novas na estrutura das línguas, (ii) mapear as formações de novas palavras em textos literários, que possuem a característica criativa como primordial e (iii) estudar a formação de neologismo na literatura portuguesa.

Em relação à fundamentação teórica deste trabalho, foi utilizado um modelo não-lexicalista de Gramática Gerativa, conhecido como Morfologia Distribuída - MD (MARANTZ, 1997), para analisar os dados de neologismos nas obras de autores lusófonos. Neste modelo de gramática gerativa, não há motivos para dividir a sintaxe da morfologia, já que os mesmos mecanismos que operam a sintaxe em sintagmas e sentenças seriam responsáveis pela formação de palavras: concatenar, copiar e mover. Nesse viés, como a sintaxe fornece as ferramentas necessárias para a análise interna de vocábulos, oferece também os conceitos de composicionalidade e idiomaticidade destas estruturas.

No que diz respeito à metodologia deste trabalho, a ideia surgiu ao observar a formação de neologismos nas obras literárias em algumas variedades do português, como: português brasileiro, cabo-verdiano, moçambicano e angolano. Para desenvolver o estudo, foram necessárias três etapas. A primeira foi a coleta de dados por meio de pesquisas na internet e nas obras de cada autor: *Grande Sertão: Veredas* (1956) e *Campo Geral* (2019) de Guimarães Rosa, *Amar, verbo intransitivo* (1992), *Contos Novos* (1999) e *Os contos de Belazarte* (1956) de Mário de Andrade, *Memórias sentimentais de João Miramar de Oswald de Andrade* (2016), *Fio das missangas* (2004) de Mia Couto, *Há Prendisajens Com o Xão* (2001) de Ondjaki e *Mornas eram as noites* (2002) de Dina Salústio; a segunda foi dividir os neologismos por autor e por suas classes gramaticais; e a terceira foi analisar a estrutura de cada neologismo, a fim de entender a sua formação e, assim, fornecer generalizações.

Dessa maneira, o trabalho terá a seguinte estrutura: no primeiro capítulo será feita uma explicação da fundamentação teórica adotada, neste contexto, a Morfologia Distribuída, assim como algumas diretrizes sobre a formação de palavras; no segundo capítulo, serão apresentados os conceitos de Idiomaticidade e Composicionalidade; no terceiro capítulo, o(s) conceito(s) de neologismo(s) é exposto, com o propósito de explicitar o que seria esse fenômeno. Por último, o quarto capítulo será destinado à análise de dados dos neologismos literários dos autores lusófonos.

1. Fundamentação teórica

A Morfologia Distribuída - MD - é um modelo teórico que surgiu no começo dos anos de 1990, introduzido por Halle e Marantz (1993). Essa proposta vai por um caminho diferente da Hipótese Lexicalista, uma vez que na MD, não há duas computações, uma externa ao léxico e outra interna.

A abordagem do Lexicalismo (Chomsky, 1970), de modo geral, trabalha o léxico e a sintaxe como elementos distintos da gramática, transferindo resultados importantes para a arquitetura do modelo de gramática utilizado. Desse modo, uma palavra, segundo essa abordagem, será responsável para criar uma nova palavra e ela vai carregar as propriedades bem delimitadas, por exemplo: informações fonológicas, semânticas, sintáticas e morfológicas. Portanto, a sintaxe é considerada responsável somente para gerar sentenças e sintagmas a partir da manipulação de vocábulos, porém não induziria na criação da própria palavra.

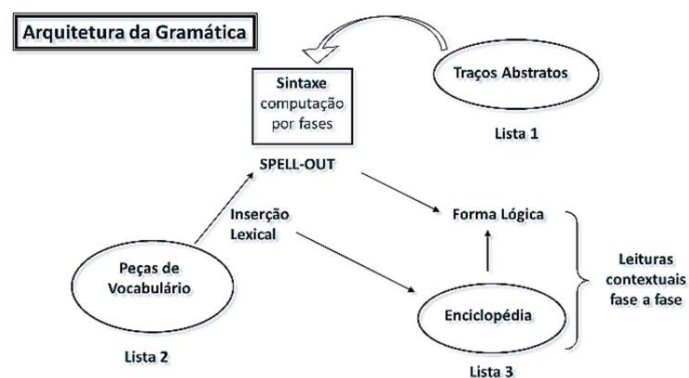
Marantz (1997) segue um viés contrário ao modelo Lexicalista e para preencher a falta de um léxico, ele propõe a existência de três listas que possuem as bases necessárias para formar um vocábulo: Léxico Estrito (Lista 1); Vocabulário (Lista 2) e Enciclopédia (Lista 3) que serão detalhadas a seguir.

A Lista 1, também conhecida como “léxico estrito”, contém as raízes atômicas e os elementos funcionais contendo os traços morfossintáticos. Ela arquiva os traços abstratos, como, por exemplo, verbalizadores, número, pessoa, tempo, nominalizador, etc. Esses elementos serão utilizados pelo sistema computacional através das operações de concatenar, mover e copiar.

O Vocabulário, chamado de Lista 2, inclui os itens fonológicos para as raízes atômicas e para os feixes e traços morfossintáticos, também chamados de nós terminais, isto é, para a computação sintática. Por fim, a Lista 3, também chamada de Enciclopédia, é o local em que são relacionados os significados especiais de raízes singulares dentro de contextos sintáticos específicos.

Logo, a Morfologia Distribuída é uma corrente teórica que se desprende de um Léxico onde os itens da sintaxe são montados previamente. Veja o modelo da MD a seguir:

Figura 1: Arquitetura da Gramática da Morfologia Distribuída



Fonte: Pederneira e Lemle (2009)

É importante ressaltar que a Morfologia Distribuída possui três propriedades importantes que a diferenciam de outras teorias, como a Inserção Tardia, a Subespecificação e a Estrutura Sintática *All the way down* (Halle & Marantz, 1994).

Caracterizando-se como uma visão separacionista da derivação sintática, encontra-se a Inserção tardia. Nessa propriedade, as substâncias fônicas são integradas após a construção sintática realizada na computação sintática. A segunda propriedade é chamada de Subespecificação. Ela demonstra que as expressões fonológicas não precisam conter todas as informações para serem introduzidas nos nós terminais da derivação sintática “Os Itens de Vocabulário podem fazer referência a um subconjunto dos traços dos nós a que eles se aplicam” (Embick, 2015). Ademais, essa propriedade surge através do Princípio do Subconjunto.

O Princípio do Subconjunto, segundo o *Manual de Morfologia Distribuída* (2023, p. 104), é detalhado como:

“(a) Somente Itens de Vocabulário especificados com todos ou com um subconjunto dos traços de nó terminal que é seu alvo são candidatos a fornecer fonologia a ele; (b) O tem de Vocabulário que vence a competição

será aquele cuja especificação incluir um subconjunto com mais traços compatíveis com os do nó terminal.”

Um exemplo clássico para explicar este conceito é o dos itens de concordância de pessoa nos verbos regulares no pretérito imperfeito do português.

Tabela 1: Verbo *Cantar*

Pessoa	Conjugação
1ª SG ¹	Eu cantava
2ª SG	Tu cantavas
3ª SG	Ele cantava
1ª PL ²	Nós cantávamos
2ª PL	Vós cantáveis
3ª PL	Eles cantavam

Fonte: Elaboração própria

É possível observar que o mesmo IV³ /a/ forma as concordâncias de 1ª e 3ª pessoas do singular. Pensando, então, no Princípio do Subconjunto, o item /a/ não possui traços de pessoa, dado que, se ele possuísse o traço de 1ª pessoa, seria incapaz de ser inserido no nó de 3ª, e se tivesse o traço de 3ª, não seria incluído no nó de 1ª. Consequentemente, há probabilidade da única informação presente no item é de número, pois é singular. Por ter esta única especificação, o item /a/ poderia concorrer para o nó de 2ª, visto que não tem traços em conflito com a especificação do morfema, porém, o *princípio do subconjunto* diz que ele deve competir com outros itens que são candidatos à inserção, por conta disso, ele não poderá ser utilizado para 2ª, uma vez que existe um item mais especificado, o IV /as/ (que contém o traço de [+ singular] e de [2ª pessoa]); dessa forma, o item vence a competição e é inserido no nó terminal equivalente aos traços.

Por fim, a última propriedade é chamada de Estrutura Sintática Hierarquizada *All the Way Down*, que significa que os Itens de Vocabulário e toda a estrutura montada na sintaxe com elementos funcionais da Lista UM serão integrados em nós terminais que se dispõe em estruturas hierárquicas determinadas por operações da sintaxe. Ou seja, a sintaxe trabalha em níveis mais baixos do que é proposto na visão lexicalista. No modelo da MD, a sintaxe vai

¹ SG significa *singular*.

² PL significa *plural*.

³ IV: Item de Vocabulário.

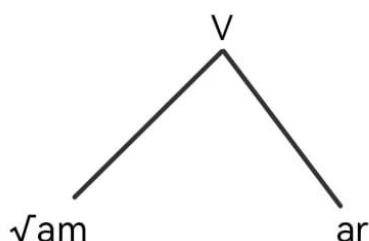
atuar com os traços abstratos atômicos e não palavras geradas. Diante disso, a estrutura *all the way down* é uma propriedade que não exclui as palavras da derivação, visto que elas também são estruturas sintáticas hierarquizadas.

Na próxima seção, será apresentado como a Morfologia Distribuída atua na formação de palavras.

1.1. A formação de palavras na Morfologia Distribuída.

Sob a perspectiva da Morfologia Distribuída, as palavras são formadas por um processo sintático, sendo os morfemas⁴ abstratos o *input* da sintaxe. Os morfemas são colocados em operações sintáticas: juntar, copiar e mover para formarem as palavras e sentenças, portanto, segundo Medeiros (2008), os morfemas são como feixes de traços morfossintáticos que constituem nós terminais sintáticos. Dessa forma, na MD, a sintaxe já opera desde a formação de palavras.

A formação de palavras com significado na visão da MD vem da junção da raiz com o primeiro morfema categorizador⁵, isto é, a raiz pode se unir com um morfema categorizador de verbo, de nome, adjetivo etc. Veja o exemplo a seguir:



Logo, há uma raiz $\sqrt{\text{am}}$ concatenada com o morfema categorizador verbal realizado com o item -ar, formando, assim, o verbo não flexionado *amar*.

Como foi visto anteriormente, a Lista 1 guarda as unidades abstratas e concatenadas da derivação sintática. Segundo Lemle e Pederneira (2009), “essa lista contém os morfemas funcionais e também raízes, que são peças com informação conceitual, mas sem categorização gramatical. Na lista 1 a informação fonológica das Raízes serve apenas como um identificador formal”. Portanto, a operação da sintaxe é principalmente concatenar morfemas. A realização fonológica dos morfemas funcionais e raízes origina-se da operação de introduzir peças de vocabulários nos morfemas presentes na Lista 1.

⁴ Segundo Lemle e Pederneira (2009), o termo *morfema* se aplica a unidades que têm significado e função gramatical, mas não possuem traços morfológicos.

⁵ Morfema categorizador é aquele que categoriza a palavra. Ex: -ção é um sufixo categorizador de nome, como é possível observar em: construção.

O grupo que reúne as peças de vocabulário forma uma segunda lista, conhecida como Lista 2. Essas peças são posteriores a sintaxe e carregam informação fonológica. Além disso, a inserção ocorre por fases e cada fase se fecha a cada categorização do morfema categorizador, após a sintaxe, então, a peça só poderá ser introduzida em posição pronunciada por um morfema com que seus traços equivalem completamente ou em parte. Se não houver correspondência, a inserção lexical não poderá ser executada. É importante ressaltar que a primeira concatenação entre uma raiz e um morfema categorizador é uma etapa importante na derivação sintática na perspectiva semântica, visto que é nesse momento que o significado é marcado, por negociação.

As raízes são desprovidas de categoria, então, os morfemas categorizadores se concatenam com elas. Quando se concatena uma raiz a uma peça vocabular nominalizadora, forma-se um nome. Um verbo é realizado quando uma raiz concatena com uma peça verbalizadora e isso ocorre com adjetivos, advérbios, etc. Após, o conjunto entre forma e significado que sucedem à primeira concatenação traz uma terceira lista, A Enciclopédia “um elenco das relações arbitrárias entre formas e significados.” (Lemle e Pederneira, 2009, p. 3)

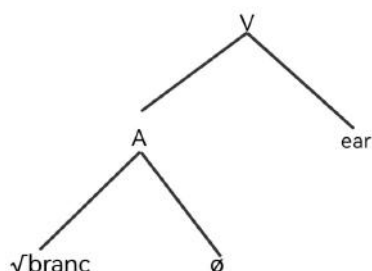
Depois do movimento da concatenação do primeiro morfema categorizador, outros categorizados tem a capacidade de serem concatenados e por isso, essas novas concatenações podem alterar o significado se não houver leitura composicional. A lista 3 só é solicitada quando são significados especiais, ou seja, quando tem morfema categorizador ou quando tem reanálise de palavras. Sendo assim, mudanças regulares não passam na Enciclopédia, elas param na interface *FL*, visto que tem significados regulares e composicionais.

2. Leitura composicional e idiomática

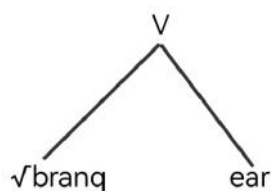
Antes de adentrar às análises das palavras novas, vale ressaltar a importância de compreender os conceitos de composicionalidade e idiomaticidade, definições importantes para este estudo. Em vista disso, palavras com leitura composicional são aquelas que derivam de associações regulares entre as leituras de cada uma das peças morfológicas dos componentes da palavra, por exemplo, *branquear* = tornar branco, utilizada em contextos como: (i): “Preciso branquear aquela camisa, porque ela está encardida”; (ii) “A velhice vai branquear nossos cabelos”. Por outro lado, uma leitura idiomática cria-se a partir de uma leitura arbitrária não isomórfica das partes componentes de uma palavra complexa, tal como *branquear* = técnica culinária. Um exemplo de uso: “Vou branquear os legumes antes de congelá-los”. Para saber qual leitura tem a palavra é necessário olhar a construção interna dela.

Apresentados tais conceitos, observe as duas estruturas a seguir:

A) Branquear: leitura composicional



B) Branquear: leitura idiomática



No exemplo (a), percebe-se o adjetivo *branco* dentro do verbo branquear. Ao olharmos para o significado, o verbo *branquear* significa “fazer ficar branco”. Então, evidencia-se que na formação do significado de *branquear* está incluso o adjetivo *branco*. Com isso, este verbo contém uma leitura composicional, uma vez que seu significado é criado a partir do significado de um componente que está em sua construção interna. Por outro lado, este mesmo verbo pode ter um significado idiomático. No exemplo (b), não há passagem pelo

adjetivo *branco*. Logo, o significado é diferente da outra estrutura. Nesse contexto, o verbo *branquear* é uma técnica culinária em que você escalda os alimentos em água quente e depois dá um choque térmico colocando água gelada. Assim, não tem relação com o “tornar branco”.

Por fim, depois dos exemplos apresentados e de uma curta análise realizada, pode-se dizer que se tornou claro a distinção entre leitura idiomática e leitura composicional.

3. Neologismos

Pode-se dizer que ainda há um conflito sobre o conceito exato de *neologismo*, visto que existem critérios variados para a sua delimitação. Desse modo, será apresentada a visão definida por Guilbert (1973) que determina o neologismo como um *sentimento de novidade*, que há correspondência no reconhecimento por parte do falante de determinada inovação lexical. Além disso, no interlocutor também ocorre uma sensação de novidade e, com isso, ele também caracteriza o neologismo. É importante apontar que um neologismo é um constituinte do sistema linguístico que passa pelos processos de adaptação, e que está relacionado ao tempo.

Sendo assim, Guilbert traz um dos critérios existentes para apontar um neologismo, o *critério de natureza psicológica*. “É, portanto, o sujeito falante que cria o neologismo, mas o faz enquanto membro de uma comunidade com a intenção, explícita ou não, de enriquecer a comunicação. Ao mesmo tempo, o interlocutor envolve-se na criação, uma vez que é o destinatário” (GUILBERT, 1973).

Entretanto, esse critério pode ser considerado insuficiente para indicar a criação de uma palavra nova, dado que depende do conhecimento de mundo dos falantes em situações de comunicação, como também o léxico muda de locutor para locutor e pode depender de diversos fatores. Em vista disso, o indivíduo pode não reconhecer a palavra já existente na língua e considerá-la um neologismo, havendo assim, um sentimento falso de neologia.

Outro critério para analisar se uma palavra é ou não uma inovação lexical é a *lexicográfica*. Esse método é baseado no dicionário, então, todas as palavras que não são encontradas no dicionário podem ser consideradas neologismos. Dessa forma, será empregada a ideia de que o neologismo é todo vocábulo que não pertence ao contexto social oficializado.

3.1. Neologismos semânticos e formais

Tradicionalmente, os neologismos são separados pela sua natureza de novidade, sendo assim, existem dois grupos: semânticos e formais. Quando o significante já existe na língua,

mas é utilizado para intitular outros conceitos além dos vigentes, é chamado de neologismo semântico. Logo, ocorre a atribuição de um novo significado ao significante.

Por outro lado, os neologismos formais acontecem quando a sua estrutura significante é nova, e pode ocorrer através de vários processos, como: prefixação, sufixação e composição.

3.2. Os neologismos lexicais

Segundo Guilbert (1973), existem dois tipos de neologismos lexicais: o neologismo literário, ou estilístico, e o denominativo.

Na neologia estilística, a formação de uma nova palavra vem através da visão de mundo do indivíduo, que deseja manifestar-se contra ou a favor de uma estrutura pré-estabelecida. Logo, a neologia literária “está baseada na busca da expressividade para traduzir pensamentos velhos de maneira nova, ou para nomear modos de pensar e de sentir inéditos” (GUILBERT, 1973).

Por sua vez, o neologismo denominativo procede da necessidade de dar nome a algo que é inventado, em razão de um objeto novo não possuir nome no léxico de determinada língua. Os resultados desse neologismo podem entrar no sistema linguístico, acompanhando a inserção social do objeto que nomeiam. Diferentemente do literário, a neologia denominativa está associada a uma necessidade pessoal, podendo ocorrer em textos literários ou não.

Em suma, pode-se dizer que o neologismo estilístico é o mais importante quando se estuda o fenômeno neológico nas obras literárias, visto que as palavras que são criadas não estão sendo utilizadas para intitular algo novo, mas para observar de um ângulo distinto um conceito já conhecido. Segundo Correia e Almeida (2012), por ter mais uma particularidade subjetiva, esses vocábulos, geralmente, têm uma aparição curta, permanecendo intrínsecos aos textos, sem entrar no sistema linguístico, diferente do neologismo denominativo.

3.3. O processo da criação literária

Ao escrever uma obra literária, os autores buscam quebrar padrões cultos da própria literatura. Os autores tentam, por meio da língua, expressar-se de forma inovadora, criando palavras novas. Entretanto, eles não criam esses vocábulos porque não existem na língua o item correspondente, mas sim porque o que é utilizado não é suficiente para expressar de forma total a mensagem que ele quer transmitir. Diante disso, os neologismos são formados para expressar esta “falta” que é presente para descrever alguma situação, objetos, sentimento, etc.

3.4 O neologismo na visão da Morfologia Distribuída

Nesta abordagem de gramática, o falante tem um dispositivo em sua mente que o permite formar sentenças e palavras. Além disso, o indivíduo também pode rejeitar ou aceitar algumas construções, portanto, ele é capaz de criar palavras novas, reconhecer a estrutura de uma palavra e estabelecer relações entre as peças lexicais e funcionais, podendo formar vocábulos novos, consciente ou inconscientemente, de como funcionam os mecanismos de formação, mas com conhecimento internalizado. Desse modo, os neologismos literários podem ser construídos com novas combinações entre raízes e categorizadores existentes, como *despoliciamento* e *brincação*, ou derivados de novas raízes, como *tantantear* e *desdigue*.

Na próxima seção, será apresentada a análise dos dados obtidos para a monografia.

4. Análise de dados

Neste tópico, será feita a análise dos dados provenientes das obras literárias dos escritores brasileiros Guimarães Rosa, Oswald de Andrade e Mário de Andrade e dos escritores africanos Mia Couto, Ondjaki e Dina Salústio.

4.1 Neologismos em Guimarães Rosa

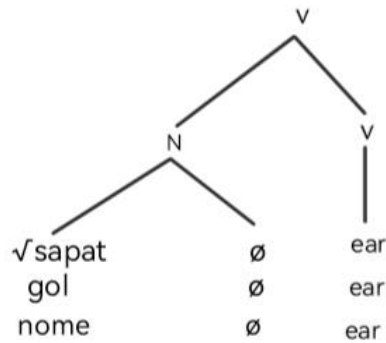
Segundo a Academia Brasileira de Letras, João Guimarães Rosa foi um romancista, contista e poeta brasileiro muito importante no século XX, além de ter seguido carreira de médico e diplomata.

Rosa era um grande estudioso da cultura brasileira e uma de suas grandes características na literatura foi a criação de vários neologismos literários em suas obras, como, por exemplo, em: *Grande sertão: veredas* e *Campo Geral*. Esse fenômeno foi tão forte em suas histórias que alguns estudiosos dizem que o autor criou sua própria linguagem, a linguagem roseana: “Guimarães Rosa, no âmbito da literatura brasileira, fundou uma nova língua, uma língua essencialmente rosiana, formada por neologismos, aglutinações de palavras, sentidos conferidos pela homofonia e por sons que são próprios da vida e da fauna sertanejas.” (Machado, 2011). Portanto, por essa sua grande contribuição para o neologismo, Guimarães é um ponto muito importante para a análise de formação de palavras novas neste trabalho.

a) Brisear

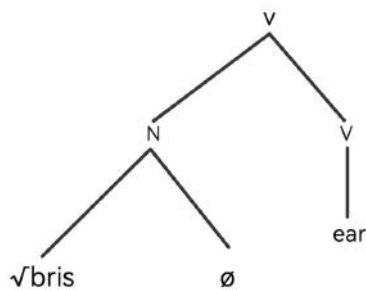
“Mais essas vinham, por si, feito no avanço do chapadão o menor vento *brisêia*” (p. 128)

Em verbos como *sapatear*, *golear* e *nomear* é possível observar a mesma estrutura sintática, pois há uma raiz + um morfema verbalizador. Como vemos abaixo:



Os vocábulos apresentados anteriormente foram construídos a partir dos nomes *sapato*, *gol* e *nome*. Assim, essas palavras expressam a ideia de ação e são formadas com uma estrutura sintática comum no português brasileiro.

Logo, a formação do verbo *brisear* é dado pela estrutura abaixo:

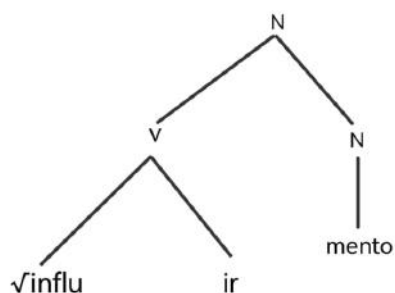


O significado de *brisear* para o autor é *ventar lentamente*. Ao criar o verbo *brisear*, Rosa utilizou os mesmos mecanismos comuns em português, observados na estrutura anterior, para formar a estrutura desse vocábulo. Nesse vocábulo, também há uma nova combinação, utilizando como base o nome *brisa* para criar o verbo adicionando o iterativo -e- + -ar = -ear. E por entendermos o seu significado com a soma de seus componentes e remeter ao sentido da palavra de origem, sua leitura pode ser considerada composicional.

b) Inluimento.

“Como é, então, que um se repinta e se sarrafa? Tudo sobrevém. Acho, acho, é do **influimento** comum, e do tempo de todos. Tanto um prazo de travessia marcada, sazão, como os meses de seca e os de chuva [...].” (p. 56)

A formação do nome *influimento* é dado pela construção abaixo:



O vocábulo *influimento* é formado a partir do verbo *influir/fluir* e essa construção pode ser observada nas seguintes palavras em português:

- | | |
|---------------------------------------|-----------------------------------|
| 1. <i>incremento</i> - incrementar | 5. <i>inchamento</i> - inchar |
| 2. <i>inflamento</i> - inflar | 6. <i>investimento</i> - investir |
| 3. <i>intrometimento</i> - intrometer | 7. <i>internamento</i> - internar |
| 4. <i>interpolamento</i> - interpolar | |

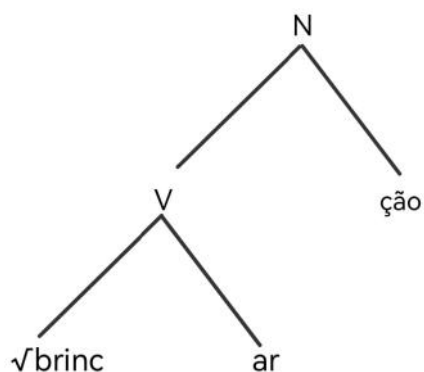
Os exemplos acima auxiliaram na formação do molde para a criação do neologismo de Rosa. Percebe-se que, no conjunto apresentado, o prefixo *in-*⁶ indica um movimento para dentro e o sufixo *-mento* forma o substantivo com o sentido de ação. Portanto, o autor inspirou-se em uma estrutura sintática regular de formação de nomes no português brasileiro. Ao olhar para a estrutura interna da palavra, é possível dizer que a leitura presente é a idiomática, visto que tem uma leitura não regular das partes, ou seja, ela é arbitrária.

c) Brincação

“As fôgo-apagou, se dizendo alto, e os pássaros-pretos, palhaços, na **brincação**. Bandos de juritis, tantas, tão junto de casa. Nem eram só juritis, eram pombas-verdadeiras. E cheirava a muito boi.” (p. 141)

A formação do nome *brincação* é dado pela estrutura abaixo:

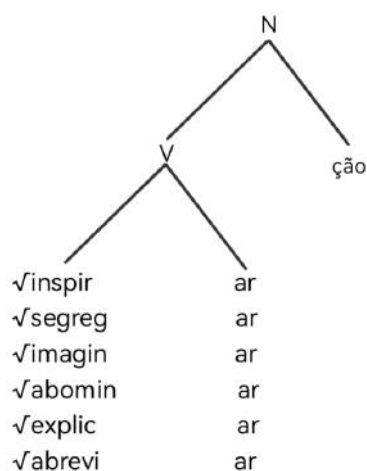
⁶ Segundo Houaiss (2001), o prefixo *in-* tem relação com movimento para dentro, como em *ingerir*.



Ao analisar a estrutura interna da palavra, pode-se observar que ela é formada por uma raiz $\sqrt{\text{brinc}}$, mais um verbalizador $-\text{ar}$ e um sufixo nominalizador $-\text{ção}$. No português, utilizamos o sufixo $-\text{eira}$ para formar *brincadeira*, porém Rosa troca por outro sufixo que cria nome com estrutura argumental deverbal, $-\text{ção}$. Segundo Maximo (2011), “a estrutura de *brincadeira* é regular e produtiva. O que impede essa forma na língua corrente é a forma já existente *brincadeira*.”

Nesse viés, ao olhar para mais uma estrutura que constitui os nomes na língua, é comum ver essa estrutura em diversas palavras, como:

- | | |
|---------------------------------|---------------------------------|
| 1. <i>inspiração</i> - inspirar | 4. <i>abominação</i> - abominar |
| 2. <i>segregação</i> - segregar | 5. <i>explicação</i> - explicar |
| 3. <i>imaginação</i> - imaginar | 6. <i>abreviação</i> - abreviar |



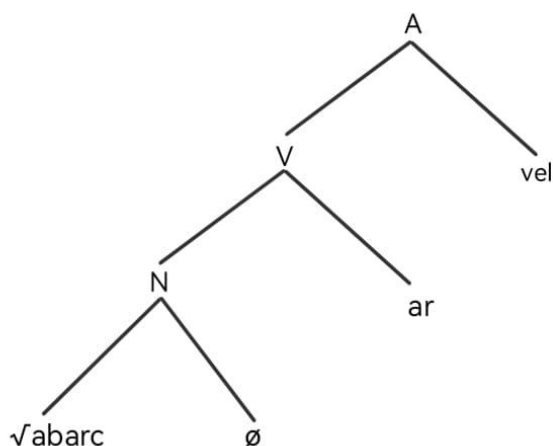
Dessa forma, é plausível afirmar que a criação do neologismo decorreu segundo às regras da gramática da língua portuguesa, afirmando que esta formação não foi realizada de

forma aleatória. Além disso, a leitura é feita a partir da forma regular das partes, ou seja, a leitura das palavras é feita de forma composicional.

d) Abarcável

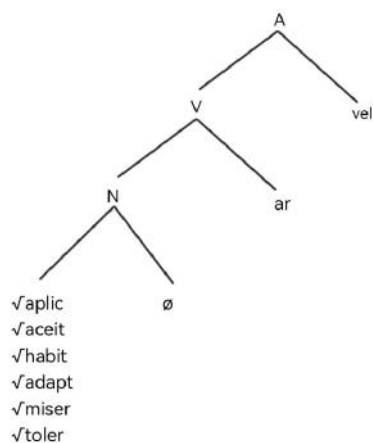
“Homem se distraía, airado, do **abarcável** do vulto — dela aquela: que era uma capiôa barranqueira, grossa rôxa, demão um ressalto de papo no pescoço, mulher praceada nos quarenta, às todas unhas, sem trato.” (p. 126)

A formação do adjetivo *abarcável* é dado pela estrutura abaixo:



O sentido deste vocábulo é “aquilo que se pode abarcar”. Ao analisarmos a estrutura interna desta palavra, encontraremos uma composicionalidade na formação, há uma raiz $\sqrt{\text{abarc-}}$, um morfema verbalizador -a(r) e um sufixo de adjetivo -vel. Tal modelo é bastante regular em português.

(i) *aplicável; miserável; aceitável; habitável; adaptável; tolerável.*



Guimarães Rosa trabalha nas suas criações de palavras novas com novas combinações sufixais, como em *brincação*. Este neologismo foi utilizado com o mesmo sentido de *brincadeira*, ou seja, um divertimento ou passatempo. Além disso, é possível observar que o autor trabalha com novas combinações para criação de verbos como em *brisear* adicionando um iterative -e- + ear.

4.2 Neologismos em Oswald de Andrade

Segundo *Museu da Língua Portuguesa*, Oswald de Andrade era um dramaturgo, jornalista, romancista e poeta. Ele foi um dos pioneiros do modernismo brasileiro.

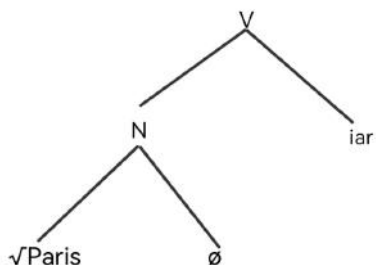
Andrade foi influenciado pelas vanguardas europeias, porém sempre buscou criar uma arte/produção com espírito brasileiro. Além disso, alguns estudiosos alegam que uma das principais características dentro das poesias é romper com a língua arcaica, utilizada pelos escritores no período anterior ao modernismo.

Andrade busca expressar uma língua mais livre, bem próxima à coloquial, usada no cotidiano dos falantes. Dessa maneira, por conta deste movimento radical na língua, o autor se torna uma peça importante para o estudo de neologismo literário no português brasileiro. Por fim, os neologismos apresentados são da obra *Memórias sentimentais de João Miramar*

a) Parisiavam

“[...] despeitadas solitárias metiam a ronca nas de morfino viver que **parisiavam** aventuras com velhos meninos domésticos e outros.” (p. 134)

A formação da palavra *parisiavam* é dada pela estrutura abaixo:



Ao analisarmos a estrutura da palavra, é possível notar que ela é formada por um nome e um morfema verbalizador -a(r). Como na estrutura interna encontra-se o nome *Paris*, ao juntar-se ao verbalizador, podemos dizer que seu significado tem algo relacionado com *viver a vida parisiense*, ou seja, uma vida de luxo e rica, entretanto, atualmente, quando é falado sobre a vida em Paris, esse significado se modifica, pois, não é visto mais apenas esse

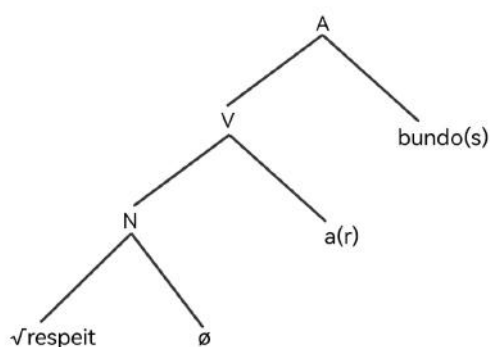
lado chique e rico, mas uma Paris suja e fedorenta, essa perspectiva pode ser vistas em jornais e revistas, como *Globo*, *BBC News*, *360 meridianos* e entre outras. “Nenhum lugar é tão idealizado quanto Paris. O problema é que essa Paris não existe.” (BECATTINI, Natália, 2018). Por conta da facilidade de obter informações, a visão sobre a cidade foi mudando com o tempo.

Como o significado se dá a partir de uma leitura irregular dos componentes do vocábulo, pode-se afirmar que *parisiar* tem uma leitura idiomática.

b) Respeitabundos

“Os amigos **respeitabundos** transferiam-se para o escritório de caricaturas paredais[...].” (p. 107)

A formação do vocábulo *respeitabundos* é dado pela estrutura abaixo:

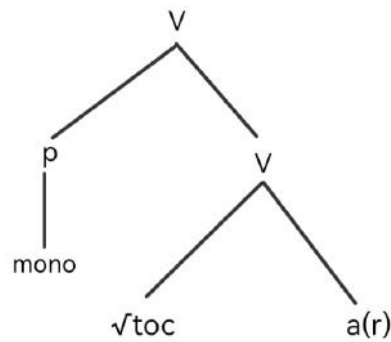


O sufixo *-bundo* é derivado do latim e transmite a ideia de “cheio de” e “rico em”, entretanto, hoje em dia, o seu uso não é muito produtivo. Ao criar o vocábulo “respeitabundos”, o autor quis expressar que aquelas pessoas estavam “cheias” de respeito, entretanto, há um tom irônico, visto que esse sufixo geralmente contém um teor pejorativo, como em *vagabundo*. Por fim, como esse uso não é muito produtivo atualmente, Oswald criou mais um vocábulo com leitura idiomática.

c) Monotocava

“Célia **monotocava** shimmys e Mozart no piano bandolim da sala de jantar entre as paisagens iguais da janela.” (p.110)

A formação do verbo *monotocar* é dado pela construção abaixo:



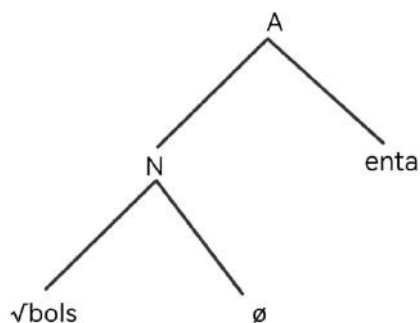
O significado desta palavra pode ser interpretado de duas formas: (i): tocar algo de forma monótona ou (ii): tocar de um jeito único, sem variação, dado que o prefixo *mono-*⁷ traz o sentido de um, único, singular, etc. Logo, pode-se dizer que Célia tocava o piano de uma forma maçante ou sem variação alguma.

Como visto anteriormente, na configuração do vocábulo tem-se um prefixo *mono-* que é ligado à raiz $\sqrt{\text{toc}}$, a qual se conecta com o verbalizador *-ar*. Nesta estrutura, Oswald de Andrade utilizou um prefixo que não é comum em verbos, mas que pode ser visto na palavra *monopolizar*. Por fim, esse vocábulo apresenta uma leitura regular, pois é possível compreendê-lo somando suas partes.

d) Bolsenta

“[...] e poker na **bolsenta** Rua Quinze [...]” (p.107)

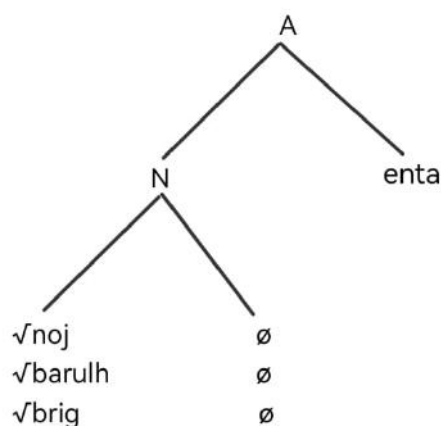
A formação do adjetivo *bolsenta* é dado pela estrutura abaixo:



Ao criar este vocábulo, o autor queria intensificar a característica da rua Quinze. Ao usar o sufixo *-enta* ligado ao radical $\sqrt{\text{bols-}}$, a intenção era reforçar de forma negativa, de um

⁷ Nesta monografia, não será adotado o nó prefixo/relacionador, será apenas para apresentar o prefixo utilizado na construção da palavra.

jeito vulgar, o ambiente da rua citada. E isso pode ser afirmado porque o sufixo *-enta* é normalmente utilizado para formar adjetivos com esta característica, como em: *nojenta*, *barulhenta*, *briguenta*, etc.



Oswald de Andrade trabalha com as formações de palavras novas por meio de novas combinações sufixais, assim como Rosa. No entanto, percebemos um tom jocoso em suas escolhas, conforme podemos observar em: *respeitabundos* (observamos na estrutura a junção do verbo respeitar mais o sufixo *-bundos* - e suas marcas de concordância) e *bolsenta* (a junção da raiz $\sqrt{\text{bols-}}$ + nome + verbo). Também foi observado neologismo com uma nova combinação prefixal, tal como: *monotocar* (mono + $\sqrt{\text{toc}}$ + ar).

4.3. Neologismos em Mário de Andrade

Segundo Pinheiro (2008), Mário Raul de Moraes Andrade “foi um dos principais expoentes da primeira fase do Modernismo, movimento literário que busca pelo original, por meio da valorização das raízes, a representação da língua do dia-a-dia falada pelo povo.”

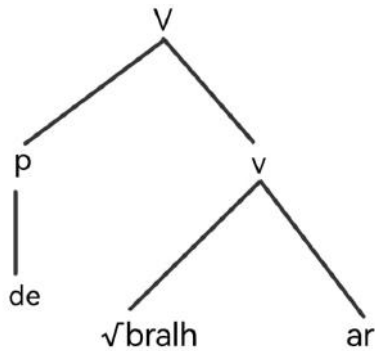
Suas obras expressam um nacionalismo crítico, liberdade formal e uma grande valorização da linguagem coloquial do português. Desse modo, por seu estilo inovador, Mário de Andrade marcou a primeira fase modernista, especialmente pela busca e valorização da identidade e cultura brasileira.

Em consequência da necessidade que o autor possuía em valorizar a língua coloquial do português, sua estilística torna-se importante para os estudos desta pesquisa, uma vez que ele utilizava dos mecanismos dos neologismos literários para se expressar. Enfim, os neologismos presentes são do livro *Amar, verbo intransitivo*, *Atrás da Catedral de Ruão* e *Os contos de Belazarte*

a) Debralar

“O automóvel **debralhou**. Mas nem os cabelos de Fräulein estavam mais despenteados que na véspera ou no dia seguinte [...]” (Amar, verbo intransitivo, p.119)

A construção do verbo *debralar* é dado pela estrutura abaixo:



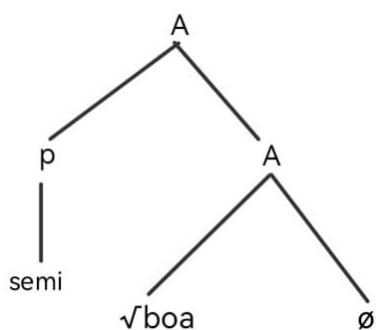
Segundo Houaiss (2001), *bralhar* significa “marcha de passo rápido e suave dos cavalos da sela; meia-marcha”. Essa palavra é usada na região nordeste do Brasil. Através desse vocábulo, o autor cria o verbo “debralar”. Ao analisar a parte interna da palavra, é possível encontrar um prefixo *de-*, que é um designativo de movimento, uma raiz \sqrt{bralh} e um morfema categorizador de verbo *a(r)*. Sendo assim, formando uma palavra regular.

Observa-se que, de forma simultânea ao significado que indica uma ação contínua, no qual é apresentado pela palavra-base, o prefixo, ao ser ligado ao vocábulo, ressalta a ideia do balançar do automóvel.

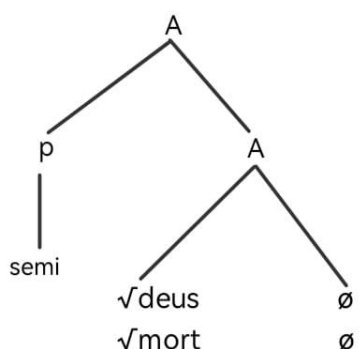
b) Semiboa

“[...] Ainda **semiboa** no corpo e com a pabulagem de muitos querendo intimidades com ela ao menos por uma noite paga.” (Os contos de Belazarte, p.107)

A construção do adjetivo *semiboa* é dado pela estrutura abaixo:



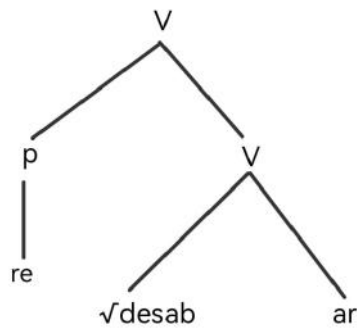
Neste exemplo, ao analisar a parte interna da palavra, pode-se observar o prefixo *semi-*, que transmite a ideia de “quase”, e que está ligado a uma base adjetival. Dessa maneira, o autor quer dizer, no exemplo anterior, que a personagem Teresinha não estava inteiramente curada de sua doença. No português, temos alguns exemplos de palavras que utilizam a mesma estrutura com o mesmo sentido de “quase”, como: *semideus* (quase um deus) e *semimorta* (quase morta). Além disso, a leitura presente na palavra é regular, ou seja, composicional.



c) Redesabar

*“Fraulein também estava erguendo os dela. Só um pouquinho. Dois olhares que se relam, fogem. A casa **redesabou**. Muito desagradável. Se pudessem levar mais alguém pra biblioteca... (...).”* (Amor, verbo intransitivo p.100)

A construção do verbo *redesabar* é dado pela estrutura abaixo:



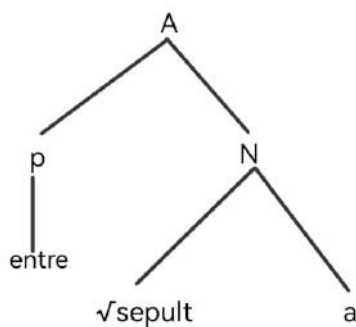
No português, o prefixo -re é indicador de repetição e é um dos mais utilizados em formações verbais e nominais da língua, como: *recomeçar*, *reescrever*, *reativação*, *rebater* e entre outros.

A palavra redesabar carrega um sentido de “entrar em colapso novamente” em vez de “cair”, porque a situação já teria se repetido. O sentido da repetição vem através do prefixo re-. Ao utilizar estes mecanismos, o autor forma uma palavra neológica com leitura composicional.

d) Entressepultas

“Disfarçava um pudor inexistente com esses modos de pé atingindo as conchas entressepultas, pisando o rastro das meninas adiante.” (Amor, verbo intransitivo, p.116)

A construção do adjetivo *entressepultas* é dado pela estrutura abaixo:



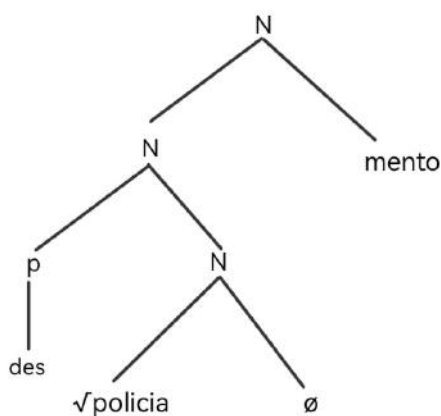
O prefixo entre- tem o sentido de posição intermediária, mas também, segundo Houaiss (2001), ele também pode significar “quase, um pouco”. Logo, “as conchas estavam meio enterradas”. O autor cria este adjetivo para atribuir uma característica as conchas que estão “quase soterradas”.

Na parte interna da palavra, encontramos a palavra-base *sepulta*, que indica o mesmo que *soterrar*, então, ao adicionar o prefixo *entre-*, o significado é “algo que está um pouco soterrado/enterrado”, criando, assim, uma palavra com leitura composicional.

e) Despolicimento

“Agora vinha lá do lado oposto da alameda, o rondante, na indiferença, bem no meio da rua, batendo o tacão na botina, no **despolicimento** proverbial desta cidade.” (Contos novos, p.94)

A construção do nome *despolicimento* é dado pela estrutura abaixo:



O dicionário Houaiss considera o prefixo *des-* como indicador de negação, oposição ou falta. Seguindo esse conceito, o significado do nome criado por Mário seria referente à “falta de policiais na cidade”.

Ao olharmos para a parte interna do vocábulo, encontramos a raiz $\sqrt{policia}$ conectada ao nome *-ia*, logo também temos o prefixo *des-* e o sufixo de nominalização *-mento*. A conclusão que pode ser tirada desta leitura é que é totalmente composicional, pois ao verificar suas partes, é possível chegar na ideia que o autor quis transmitir.

Com os dados apresentados, é possível afirmar que Mário de Andrade trabalha muito com palavras composicionais, criando vocábulos novos por meio de novas combinações prefixais, por exemplo: *despolicimento* (prefixo *des-*), *redesabar* (prefixo *re-*), *semiboa* (prefixo *semi-*) e *entressepultas* (prefixo *entre-*).

4.4 Neologismos em Mia Couto

Segundo a Revista *África e Africanidades* (2019), Antônio Emílio Leite Couto, conhecido como Mia Couto, é um escritor moçambicano e suas obras fazem parte da literatura contemporânea moçambicana. Dessa forma, é uma literatura do período pós-independência,

que veio após um conflito que levou à independência do país em 1975, seguida de uma guerra civil que durou mais de 10 anos.

Por conta desse período, uma das características mais marcantes em suas histórias é a presença de neologismos, pois ele tenta resgatar a tradição cultural moçambicana através do uso de neologismos e é essa razão que nos leva a trabalhar com as criações novas feitas por ele.

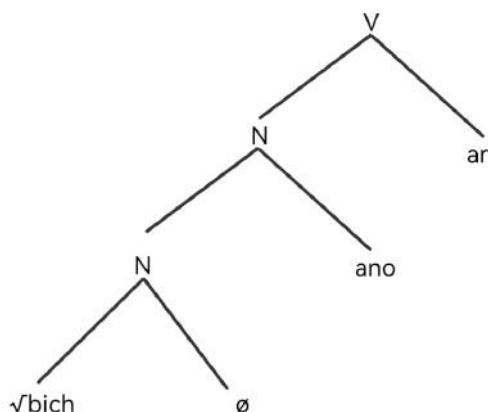
“Com a admiração e a influência da escrita de Guimarães Rosa, Mia Couto se expressa pela criação de neologismos, bem como falas populares recriadas, demonstrando a aproximação com a cultura local. Ainda com sua capacidade imaginativa, utiliza em forma de fábulas, parábolas e alegorias que lhe garantiu destaque no universo literário.” (SILVA, Rebeca, 2019)

Por fim, os neologismos aqui citados são da obra *Fio das miçangas*.

a) Bichanar

“*Contra os direitos humanos, bichanava o político*” (p.20)

A formação do verbo *bichanar* é dado pela construção abaixo:

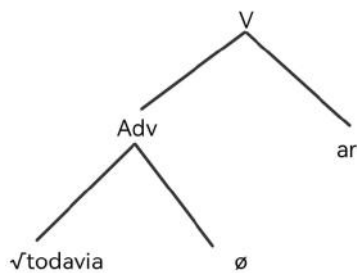


A construção da palavra *bichanar* (nome > verbo) teve sua base nas palavras como: *galinhar* e *corujar*. É possível perceber que a relação de significado entre o verbo e o nome é regular, fazendo com que a produção da leitura seja composicional, visto que o resultado semântico é feito a partir da junção das partes que a compõem.

b) Todaviar

“*Mas o choroso todaviou-se. E foi crescendo de choraminguado [...]*”. (p.110)

A formação do verbo *todaviar* é dado pela construção abaixo:



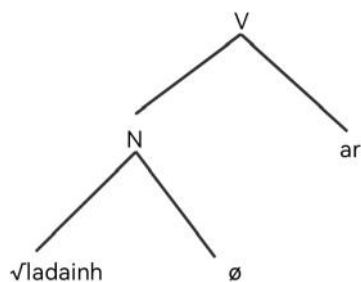
A forma verbal *todaviar* foi criada a partir de um advérbio e é importante ressaltar que essa construção de um verbo a partir de um advérbio não é frequente na língua. No entanto, apesar disso, utiliza critérios possíveis para a formação de palavras no português.

Na parte interna da palavra, encontra-se a raiz $\sqrt{\text{todavia}}$ e um morfema verbalizador, com item fonológico /ar/, sendo assim, como é possível compreender o sentido do vocábulo através da concatenação de seus componentes, a leitura desse neologismo é composicional.

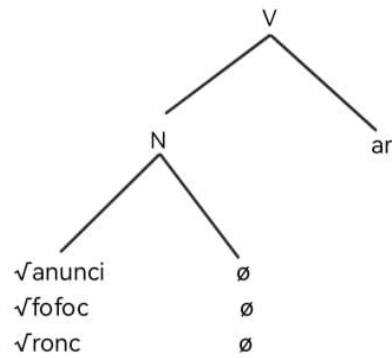
c) Ladainhar

*“Não fosse o respingar de sua voz, **ladainhando**. Continuava chorando? Não, rezava.”* (p.10)

A formação do vocábulo *ladainhar* é dado pela construção abaixo:



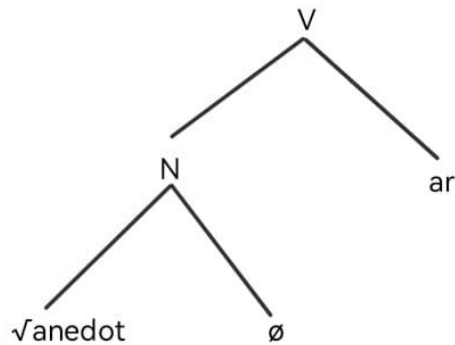
Mia Couto criou *ladainhar* a partir do nome *ladainha*, como é possível olhar na estrutura acima. A estrutura sintática utilizada para criar este novo verbo aparece em algumas palavras que denotam a ideia de produção, por exemplo: *anunciar*; *fofocar* e *roncar*. Ao observar a estrutura das palavras, encontra-se uma leitura composicional, dado que é possível compreender o significado através da soma de cada fragmento da palavra.



d) Anedotar

“No bar de Matakuané, os homens **anedotavam** fabricando risadas” (p.109)

A formação do verbo *anedotar* é dado pela construção abaixo:

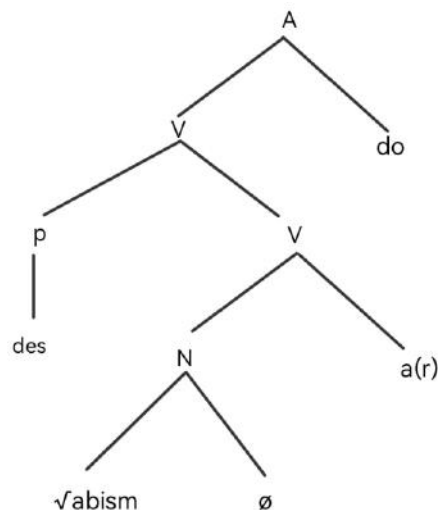


A palavra *anedotar*, como *ladainhar*, foi inventada a partir de uma análise de uma estrutura presente em muitos vocábulos que expressam a ideia de produção. Esse neologismo tem como significado “contar histórias”. Além disso, a leitura é composicional, visto que o significado continua o mesmo da palavra de que ele foi originado.

e) Desabismado

“Que sucedera para se suicidar, **desabismado**? Que tropeção derrubara a sua vida? [...]” (p.17)

A formação do adjetivo *desabismado* é dado pela construção abaixo:



Ao criar o adjetivo *desabismado*, Mia Couto inspirou-se no molde da palavra *desenterrado*. Nesse cenário, o adjetivo transmite a ideia de “saindo para fora do abismo”. Vale evidenciar que o verbo *desenterrar* é uma derivação composicional do verbo *enterrar*, logo o verbo *desabismar* precisaria da base *abismar* para ser fruto da derivação composicional.

Todavia, o verbo *abismar* só é encontrado na forma *abismado*, com o sentido idiomático de “ser surpreendido”, “espantado”. Para a leitura corresponder com o sentido que o autor quis transmitir, é necessário compreender a expressão *desabismado* como se ela fosse derivada do vocábulo *abismado*, mas com sua leitura composicional, e não idiomática, na qual estamos acostumados.

Os neologismos feitos por Mia Couto são construídos por novas combinações com prefixos, como: *desabismado* (*des* + $\sqrt{\text{abism}}$ + *ar* + *do*) e sufixos, como: *bichanar* ($\sqrt{\text{bich}}$ + *bicho* + *ano* + *ar*) e *anedotar* ($\sqrt{\text{anedot}}$ + *ar*). Além disso, ele cria o neologismo *todaviar* a partir de um advérbio e esta estrutura não é muito frequente na língua, mas utilizando os mesmos mecanismos que *bichanar* e *anedotar*.

4.5 Neologismos em Ondjaki

Segundo CinAfrica, Ndalú de Almeida, conhecido como Ondjaki, é um poeta e escritor africano que nasceu na cidade de Luanda, localizada na Angola. Sua trajetória literária é intensa. O autor já tem diversos livros publicados e premiados. Além disso, ele caminha pela pintura e atuação teatral.

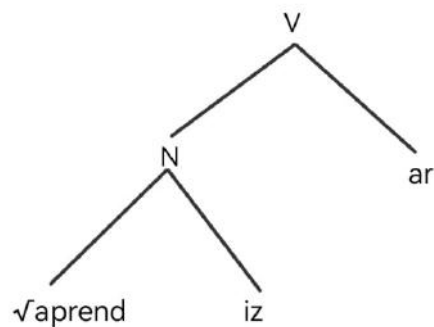
Como outros autores que viveram as guerras de colonização, Ondjaki busca em suas obras uma identidade mais subjetiva do que nacional. Em seus livros, há uma grande marca de oralidade, realismo mágico e, principalmente, a presença de neologismos. Enfim, os

neologismos apresentados estão na obra *Há Prendisajens Com o Xão – O segredo húmido da lesma e outras descoisas*.

a) Aprendizar

“*Aprendizar não é repressoar-se?*” (p.05)

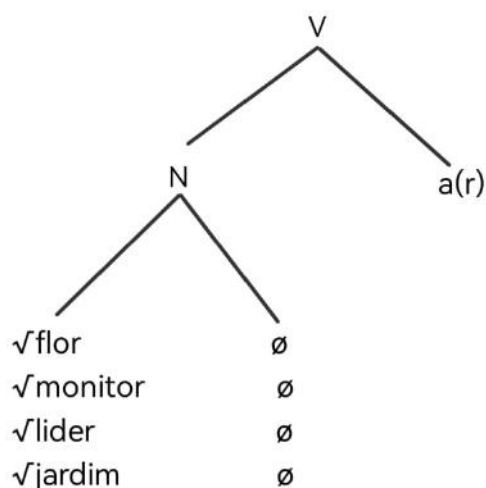
A formação do verbo *aprendizar* é dado pela construção abaixo:



Ao formar o verbo *aprendizar*, Ondjaki utilizou uma estrutura muito regular no português, visto que existe uma grande variedade de verbos derivados de nomes, então, o autor usou a estrutura em seu favor.

Observando a parte interna da palavra, é possível encontrar o nome *aprendiz* que se juntou a um verbalizador *-ar*, assim ocorreu uma verbalização de nome. Além disso, pode-se ver nos exemplos a seguir que esta construção é comum na língua portuguesa.

(i) *florar; monitorar; liderar; jardinar*

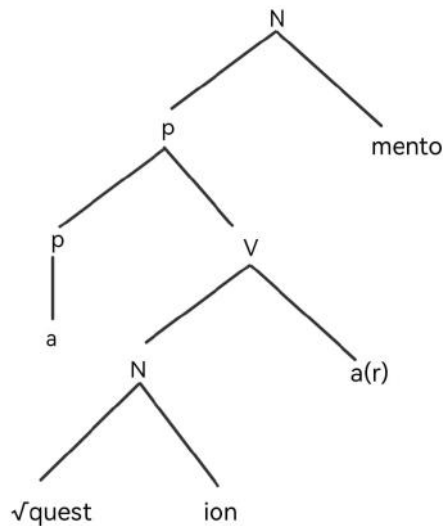


Geralmente, essas palavras dispõem de uma leitura regular de “agir” ou “fazer como”. Então, nesse contexto, *aprendizar* significa “fazer como/agir como aprendiz”, apresentando uma leitura composicional.

b) Aquestionamento

“Reindagações de cheirares: em continuado **aque**stionamento”. (p.18)

A formação do nome *aque*stionamento é dado pela construção abaixo:

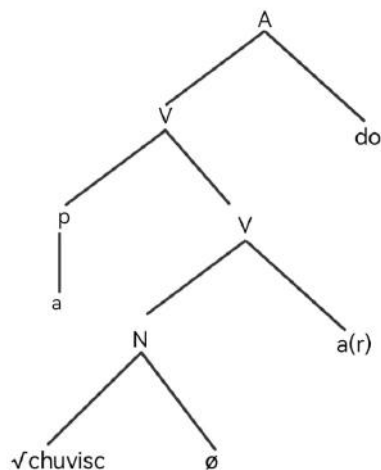


O autor formou *aque*stionamento a partir do verbo *questionar*. Ao olhar na estrutura acima, é possível observar que o verbo ligou-se a um prefixo *a-* e construiu *aque*stionar; logo após, juntou com o sufixo *-mento*. Sendo assim, tem uma leitura regular das partes que a compõem, ou seja, temos uma leitura composicional.

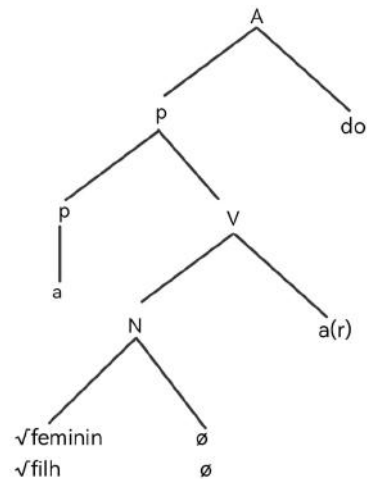
c) Achuviscado

“[...] Banho-me de pingos **achu**viscados”. (p.15)

A formação do adjetivo *achu*viscado é dado pela construção abaixo:



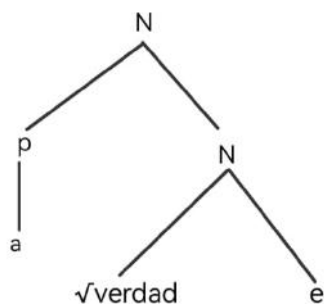
Achusvicado tem o significado de “igual a um chuvisco”. Na estrutura interna da palavra, encontra-se a base nominal *chuvisco* ligada a um morfema verbalizador *-a(r)*, há um acréscimo de um prefixo *a-* e do sufixo *-do*. Ademais, o adjetivo tem uma estrutura comum na língua e podemos afirmar isso ao olhar para a forma das palavras *afeminado/a* e *afilhado/a*. Como é possível entender o significado total da palavra através da junção de seus componentes, pode-se afirmar que a leitura de *achuviscado* é composicional.



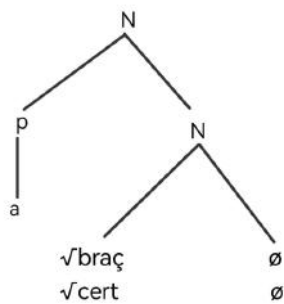
d) **Averdade**

“[...] a coisa se revoltou para **averdade**. (p.27)

A construção do nome *averdade* é dado pela formação abaixo:



Ondjaki criou essa palavra que começa com o prefixo *a-* com o sentido de estado abstrato. Provavelmente se inspirou em alguns vocábulos que começam com o mesmo prefixo, por exemplo: *abraço* e *acerto*.



Os prefixos não categorizam palavras, portanto, há apenas o acréscimo regular do significado do prefixo *-a*. Ao olharmos para o contexto, pode-se compreender o sentido das palavras através da soma de suas partes, portanto, a leitura feita é composicional.

Após observar os dados expostos de Ondjaki, encontram-se neologismos criados por prefixos, como: *averdade* (a + √verdade) e *aquestionamento* (a + √question + ar + mento). Além disso, cria uma nova combinação em aprendiz mais - ar, criando o verbo não flexionado *aprendizar*.

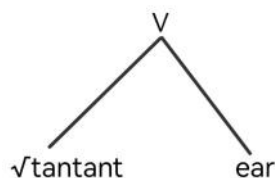
4.6 Neologismos em Dina Salústio

Dina Salústio é uma antiga jornalista, prosadora e poeta cabo-verdiana, nascida no ano de 1941. Em forma de livro, a autora tem um conhecido estudo sobre a violência contra as mulheres. Além disso, foi uma das fundadoras da Associação dos Escritores Cabo-verdianos. Por fim, os neologismos analisados estão presente na obra *Mornas eram as noites*.

a) Tantanteando

“[...] eu sonhei um movimento de gente, tanta gente! **tantanteando** o seu tambor.”
(p.42)

A construção do verbo *tantantear* é dado pela formação abaixo:



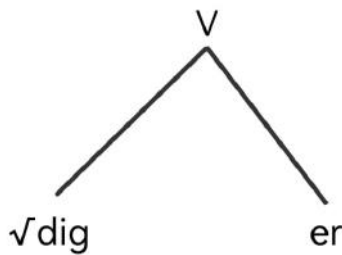
Ao criar a palavra *tantantear*, a autora utilizou uma estrutura comum no português. Analisando a parte interna, pode-se perceber uma raiz √tantan, que representa o som que faz ao bater no tambor, que se junta com o morfema categorizador de verbo *-ear*. Por ser uma palavra com uma leitura não regular, ela é considerada idiomática.

Alguns exemplos no português que seguem esta construção sintática: *marear*; *cear*; *passear*.

b) Digue

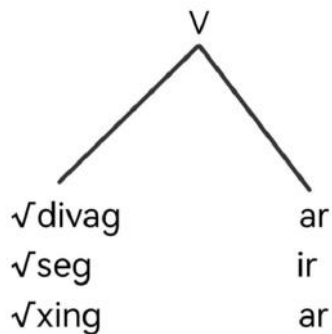
“...desdigue o que tenho **digue**...” (p.42)

A construção do verbo *diguer*⁸ é dado pela formação abaixo:



A autora criou um verbo com uma estrutura bastante regular no português, com a raiz $\sqrt{\text{dig-}}$, de *dizer*, mais um verbalizador e o significado é o mesmo que *dizer* ou *falar*. Logo, como há a presença de uma nova raiz e uma leitura arbitrária, pode-se dizer que *digue* tem uma leitura idiomática.

Exemplos na língua com esta construção: *divagar* (*divague*); *seguir* (*segue*); *xingar* (*xingue*), etc.



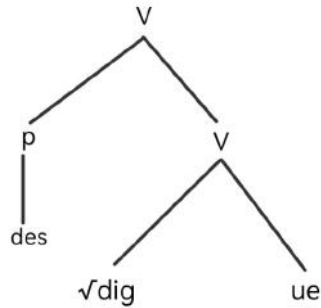
Ao analisar os dados da autora Dina Salústio, os neologismos encontrados foram criados a partir de novas raízes e novos verbos, como *diguer* e *tantantear*; e através de *diguer*, a autora juntou sua nova raiz e um prefixo *des*, formando uma nova combinação que resultou em *desdigue*.

c) Desdigue

⁸ O /u/ é apenas para respeitar normas ortográficas, dado que não tem som e *dige* seria outra palavra.

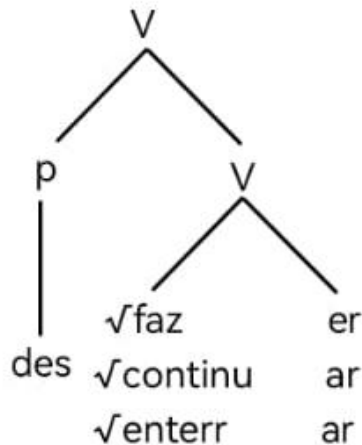
“...**desdigue** o que tenho digue, **desdigue** o que tenho digue sobre fulano ou beltrano.”
(p.42)

A construção do verbo *desdiguer* é dado pela formação abaixo:



Diferentemente da ideia do “*des*” na obra de Mário de Andrade, a autora quer dizer, neste contexto, para a pessoa “não falar”, ou melhor, “retirar a fala” sobre o que ela dizia acerca de uma tal pessoa. Logo, ao utilizar o prefixo *des-*, Dina traz uma ideia de negação, criando assim, um verbo novo em sua narrativa que entra conforme as regras de formação de palavras na língua. E por entender sua leitura através da junção dos componentes, é possível dizer que a leitura feita é composicional.

Alguns exemplos que temos na língua com a mesma estrutura com o prefixo *des-*: *desfazer*; *descontinuar*; *desmontar*; *desenterrar*.



Considerações Finais

Esta monografia focou na estrutura interna da construção de palavras novas no português, tanto o português brasileiro, como os de origem do continente africano. Através das análises, o objetivo foi compreender como são criados estes vocábulos, a partir da visão da Morfologia Distribuída e se há algo inovador nestas formações.

A análise dos neologismos literários nos auxiliam a perceber quais são as possibilidades de criação de palavras novas na língua. No interior dos vocábulos, é possível perceber que as formações são geralmente feitas de: (i) verbos que criam nomes e verbos (influinto e redesabar); (ii) de nomes que criam verbos e adjetivos (brisear e respeitabundos) e (iii) de adjetivos que criam adjetivos (semiboa). Além disso, só Mia Couto cria um verbo através de um advérbio (todaviar).

Ademais, os dados mostram que o significado de palavras complexas pode ser obtido através de dois mecanismos: (a) uma convenção negociada sobre o *merge* de raiz + peça vocabular categorizadora, onde temos a arbitrariedade do signo; (b) após estabilização da leitura convencional, novos categorizadores podem ser conectados. Eles vão adicionar instruções para cálculos semânticos que modificam de maneira regular e composicional o significado da palavra básica/base.

Nesse viés, é possível analisar também, através dos dados obtidos, que quando o cálculo das partes que constituem um vocábulo não correspondem regularmente a um significado, encontraremos uma leitura idiomática, como em: *tantatear* e *digue*. Por outro lado, há palavras possíveis de compreender através da soma de suas peças, formando, assim, vocábulos com leitura composicional, como foi apresentado em *despoliciamento* e *achuviscado*.

Assim, os dados mostram que os neologismos não apresentam, sintaticamente, nenhuma diferença comparados a outras palavras que estão no dicionário que são utilizadas na língua portuguesa, confirmando, assim, a hipótese do trabalho. Além disso, nos dados obtidos é possível afirmar que os neologismos apresentam mais a leitura composicional do que a leitura idiomática. Dessa forma, podemos inferir que os mesmos mecanismos de formação de palavras usuais também são utilizados nos neologismos.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Mário de. Amar, verbo intransitivo. Idílio. 18ª ed. Rio de Janeiro: Vila Rica, 1992
- ANDRADE, Mário de. Contos novos. 17ª ed. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1999.
- ANDRADE, Mário de. Os contos de Belazarte. 4ª ed. São Paulo: Martins Editora, 1956.
- ANDRADE, Oswald de. Memórias sentimentais de João Miramar. 1ª ed São Paulo: Companhia das letras, 2016.
- BECATTINI, Natália. Se é para se decepcionar, que seja em Paris. 360meridianos. Disponível em: <https://www.360meridianos.com/2018/02/sindrome-de-paris.html>. Acesso em 03 de janeiro de 2024.
- CAMARA JR., J. Mattoso. Contribuição à estilística portuguesa. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- CAMPOS, Solange M. M. de. Malabarismos lexicais na literatura: os neologismos visitam a sala de aula. Anais do SIELP, v. 2, 2012, p. 1-14.
- CHOMSKY, Noam. “Remarks on Nominalization”. In: R. Jacobs and P. Rosenbaum, eds. Readings in English Transformational Grammar. Waltham MA, Ginn and Co. Reprinted in Chomsky, Studies on Semantics in Generative Grammar. The Hague: Mouton, 1970.
- _____. CinAfrica. Faculdade de Letras, UFRJ. Disponível em: <http://cinafrica.letras.ufrj.br/index.php/filmes/angola/123-ondjaki>. Acesso em 10 de setembro de 2023.
- CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis M. de B. Neologia em português. São Paulo: Parábola, 2012.
- COUTO, Mia. Fio das missangas. 3ª ed. Editora Caminhos S.A Lisboa, 2004.
- SILVA, Rebeca. Mia Couto: a trajetória literária de um escritor entre fronteiras. Revista África e Africanidades, 2019.
- GUILBERT, Louis. Théorie du néologisme. In: Cahiers de l'Association internationale des études françaises, 1973.
- HALLE, Morris & Alec Marantz. “Distributed Morphology and the Pieces of Inflection”. In The View from Building 20, ed. Kenneth Hale and S. Jay Keyser. MIT Press, Cambridge: MIT Press, p. 111-176, 1993.
- HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

_____. João Guimarães Rosa, Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/joao-guimaraes-rosa/biografia>. Acesso em 15 de dezembro de 2023.

MACHADO, Bruno. João Guimarães Rosa: Invenção da Linguagem. Minas Gerais, Revista Itinerários, 2011.

MARANTZ, A. No escape from syntax: Don't try a morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRIADIS, A.; SIEGEL, L. et al., eds. University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, vol. 4.2, Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium, 1997, p. 201-225.

MAXIMO, Everton. Estudo do mecanismo de criação neológica na obra de Guimarães Rosa. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

MEDEIROS, Alessandro. Traços morfossintáticos e subespecificação morfológica na gramática do português: um estudo das formas participiais. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

_____. Museu da Língua Portuguesa: Oswald de Andrade. São Paulo. Disponível em: mlp://oswald.br/perfil. Acesso em: 20 de agosto de 2022.

ONDJAKI. Há Prendisajens Com o Xão – O segredo húmido da lesma e outras descoisas. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2011.

PEDERNEIRA, Isabella Lopes; LEMLE, Miriam. Como criamos palavras novas: considerações sobre dois processos de reanálise. ReVEL, vol. 7, n. 12, 2009. [www.revel.inf.br].

PINHEIRO, Noslen. A expressividade dos neologismos sintagmáticos na prosa de Mário de Andrade. Dissertação (Mestrado) em Filologia - Universidade de São Paulo, 2008.

ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. José Olympio, 1956.

_____. Campo geral. Global Editora, 2019.

SALÚSTIO, Dina. Mornas eram as noites. 3ª ed. Instituto da Biblioteca Nacional: 2002.

SCHER, Ana Paula et al. Manual de Morfologia Distribuída. Editora Abralín, 2023.